

O DISCURSO FEMININO NA REVISTA *LA ILUSTRACIÓN DE LA MUJER*

Isabela Roque Loureiro (UFRJ)

Na sociedade espanhola do século XIX, a preponderância masculina teve todas as condições para seu pleno exercício. Em *La dominación masculina y otros ensayos*, Pierre Bourdieu (2010, p.48-49) afirma que a preeminência universalmente reconhecida aos homens se afirmou na objetividade das estruturas sociais e das atividades produtivas e reprodutivas, e se baseou em uma divisão sexual do trabalho de produção e reprodução biológica e social que conferia ao homem a melhor parte. Essa divisão sexual, da qual se ocupa Pierre Bourdieu em muitos dos seus ensaios sobre o domínio masculino, encontrou-se estritamente vinculada a uma ordem social que, segundo ele, funcionava como uma imensa máquina simbólica (Ibidem, p.21). Essa, por sua vez, tendia a ratificar a preponderância do homem e a submissão da mulher, marcando, assim, a existência de uma sociedade predominantemente desigual e machista, à medida que desconsiderava as potencialidades femininas e suas habilidades para outros trabalhos que não estivessem relacionados apenas às tarefas do lar e ao cuidado da família.

Os argumentos ideológicos usados para excluir as mulheres do direito à cidadania possuíam fundamentos muito antigos. Recaíam majoritariamente sobre a crença de que elas eram, por natureza, seres inferiores por carecerem de racionalidade superior, e essa condição de inferioridade ou de minoria moral as impediam de fazer parte da cidadania e, portanto, de serem objetos de direitos e deveres jurídicos e políticos (CANTERLA, 2002, p.20). Isso fez com que muitas mulheres espanholas tomassem a palavra para si, de forma a pleitear, através da escrita de textos impressos, uma imediata revalorização do sexo feminino. E, mesmo diante de certa resistência masculina, elas encontraram nas atividades jornalísticas um caminho para serem percebidas. Foi, então, que passaram a conceber a imprensa como um oportuno meio para defender seus ideais e impulsionar campanhas a favor de causas que acreditavam ser necessárias para o desenvolvimento da sociedade espanhola.

Os veículos de comunicação de massa atuam como significativas ferramentas de representação social (TEIXEIRA & VALÉRIO, 2007). Através da análise de jornais ou revistas de qualquer período, é possível obter uma noção geral de como se comporta

uma sociedade em determinado período, pois neles encontramos explícitos e bem determinados os costumes, as ideologias, os hábitos, as formas de vida e, principalmente, a multiplicidade de vozes e de pontos de vista que caracterizam a heteroglossia social (BAKHTIN, 2008).

Atualmente é possível encontrar, nos sites da Biblioteca Nacional da Espanha e da Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, inúmeras publicações oitocentistas digitalizadas, e ter livre acesso a esses periódicos permitiu-nos uma maior aproximação com o imaginário da época. Segundo Michel Maffesoli (2001), herdeiro intelectual de Gilbert Durand, o imaginário representa uma força social de ordem espiritual, ou seja, uma construção mental que se mantém ambígua, perceptível, embora não mensurável, e que se mantém, concomitantemente, impalpável e real. Logo, não se trata de algo meramente racional, sociológico ou psicológico, mas sim de algo capaz de transcender o indivíduo e a própria sociedade, de forma a contagiar o coletivo, ou pelo menos parte dele. Daí a noção de imaginário estar intrinsecamente relacionada à ideia de coletividade. Vejamos:

Pode-se falar em “meu” ou “teu” imaginário, mas, quando se examina a situação de quem fala assim, vê-se que o “seu” imaginário corresponde ao imaginário de um grupo no qual se encontra inserido. O imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual. (Ibidem, p.76)

Em sua obra, fica nítida a defesa da natureza coletiva e social do imaginário, perspectiva que se aproxima também das noções apresentadas por Patrick Legros e outros autores na obra *Sociologia do imaginário* (2007), que definem o imaginário como fenômeno coletivo, social e histórico, devido ao fato dele circular através da história, das culturas e dos grupos sociais (LEGROS *et al.*, p.10). E por atuar como elemento instituidor de vínculos, que une e liga numa mesma atmosfera, também se torna imprescindível chamar atenção para sua natureza essencialmente interativa: “o imaginário, certamente, funciona pela interação. Por isso, a palavra interatividade faz tanto sentido na ordem imaginária” (Ibidem, p.77).

Michel Maffesoli (1998, p.192) afirma que não há domínio que esteja indene da ambiência afetual do momento. Assim, vemos que o imaginário tudo contamina, tudo permeia, e é desse imaginário, capaz de contagiar até mesmo as esferas mais racionais,

como a política, que se alimenta a sociedade. Tratar do Jornalismo no século XIX, assim como da Literatura produzida nesse período, requer, de nossa parte, reconhecer a importância e o significativo papel dessas construções mentais na criação de novas formações discursivas para representar a <<modernidade>>, o moderno, o novo sujeito social, tal como nos assinala a escritora e crítica literária Iris M. Zavala (1990, p.10) que percebe o texto como forma articulada de representação do imaginário social. Assim como Zavala, também entendemos o texto como uma importante fonte de criação e reprodução de imaginários sociais, compartilhados, segundo Gislene Silva (2010, p.249), “por todos os sujeitos envolvidos no universo das notícias, sejam repórteres, leitores/receptores, fontes, publicitários, proprietários de veículos noticiosos, editores, anunciantes”.

Tanto os textos ficcionais como os jornalísticos apresentam uma indiscutível diversidade social de linguagens, que são nossas principais fontes de conhecimento da cultura (ou do mundo da significação) de um povo e das distinções ou divisões que nela se praticam. E por serem produtos linguísticos e culturais, reflexos de valores sociais, ideológicos, temporais, estéticos e morais, vemos neles a presença de dialetos sociais, de maneirismos típicos de determinados grupos, de gírias profissionais, de linguagem de gêneros, de fala das gerações, das tendências, das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, das linguagens do dia-a-dia, enfim, de toda a estratificação interna de cada língua em cada momento dado de sua existência histórica (BAKHTIN, 1988, p.74-75). E para melhor apresentar os diversos imaginários sociodiscursivos que versam sobre a mulher e sobre o papel dela na sociedade espanhola, tomamos como referência a revista espanhola *La Ilustración de la Mujer. Revista quincenal, órgano de la Asociación Benéfica de Señoras ‘La Estrella de los Pobres’*¹.

A publicação, inicialmente fundada e dirigida por Concepción Gimeno Flaquer e, mais adiante, por Sofía Tartilán, que também atuara como secretária da Associação Beneficente, foi dedicada não só à educação física, intelectual e moral da mulher, como também à caridade, à justiça e à proteção mútua. Por defender com entusiasmo e seriedade esses valores, a renda arrecadada com as assinaturas foi revertida para obras sociais, mais especificamente para a construção de instituições de ensino gratuitas para meninas de classes menos abastadas, tal como assinala a informação

¹ As edições da revista *La Ilustración de la Mujer* encontram-se disponíveis no site: <http://hemerotecadigital.bne.es/details.vm?lang=es&q=id:0003692627>

presente logo abaixo do título da revista: “Los productos de las suscripciones de esta revista se destinarán á la creacion de escuelas gratuitas para niñas pobres”.

Além dos artigos críticos e doutrinários, de caráter reformista e emancipador, sobre a tradicional educação da mulher, a educação popular e o trabalho feminino, escritos principalmente por Tartilán, a revista *La Ilustración de la Mujer* também inclui outros conteúdos: narrações curtas, poemas, traduções, bibliografias, biografias de notáveis figuras femininas, artigos de história, uma revista de teatro e uma série de anúncios, localizados na última página da publicação, o que, sem dúvida, muito contribuiu para a manutenção dela, já que esse tipo de propaganda despertava a atenção e o interesse do público leitor, majoritariamente feminino. Segundo as informações disponíveis na página da Hemeroteca Digital da BNE, estima-se que o primeiro número da revista *Ilustración de la Mujer* tenha sido publicado em junho de 1873 e o último em 1877, período que abrange o início da Primeira República e os primeiros anos da Restauração Monárquica.

Além das colaboradoras femininas, tais como Josefa Pool y Culpado, Emília Cale Torres, Natividade Rojas, Micaela de Silva, Mercedes Torta, Delfina Pool, Emilia Quinteto e Matilde Cherner– que em seus ensaios empregava o pseudônimo Rafael Luna–, a revista *La Ilustración de la Mujer* também contou com a frequente participação de importantes nomes masculinos, dentre os quais podemos destacar: Javier Tort Martorell, José Estevan Bravo, Luis Montoto, Evaristo Escalera, Francisco Flores y García, Francisco del Pino e Ramón Campoamor. E para melhor tratar dessa publicação, mais especificamente da orientação ideológica adotada por ela, nos pareceu oportuno retomar o artigo intitulado “El trabajo”, redatado por Sofia Tartilán e publicado na edição de número 52, em 31 de maio de 1875, no qual a escritora propôs analisar se a mulher realmente dispunha de condições para viver de maneira independente, por conta própria:

Lo que hoy servirá de tema al presente artículo es lo que, según nuestro juicio, encierra en sí el problema social que hace tanto tiempo se trata de resolver; esto es, si la mujer puede o no vivir por sí misma, sin que las necesidades materiales de la vida la arrojen en la sima del vicio por la rápida pendiente de la miseria” (*La Ilustración de la Mujer*, 31 de maio de 1875, p.409).

No início do artigo, Tartilán comenta que um dos principais aspectos das teorias reformadoras foi o reconhecimento do ingresso feminino no mercado de trabalho

espanhol. E foi partir dessas reformas e das diversas transformações políticas, econômicas e sociais sucedidas, nas últimas décadas do séc. XIX no país, que a mulher conseguiu romper com a intransponível barreira, até então, imposta pela sociedade patriarcal, e finalmente adentrar em esferas antigamente ocupadas pelos homens. No entanto, afirma que esse tão batalhado e custoso ingresso das mulheres no mercado de trabalho não atendeu às expectativas esperadas, pois lamentavelmente não as favoreceu, nem tampouco as proporcionou uma significativa melhora na qualidade de vida delas. Vejamos: “Hoy la mujer encuentra en las grandes fábricas ocupaciones que hace algunos años esplotaban sólo los hombres; pero ninguna de las condiciones en que se han llevado á cabo estas reformas favorece ni mejora la clase de la mujer obrera” (Ibidem, p.409).

Sofía Tartilán foi contundente em assinalar que a entrada das mulheres nas indústrias não obedeceu, por nenhum momento, a um fim humanitário, cuja missão deveria proporcionar-lhes os meios adequados delas poderem alcançar a subsistência de maneira digna, honesta. A autora evidenciou-nos que esse ingresso foi consentido e inclusive estimulado pelos grandes empresários de diversos setores da economia porque ele vinha ao encontro dos interesses dessa seleta e privilegiada elite, que muito se beneficiava pelo fato de a mão de obra feminina ser infinitamente menos dispendiosa que a masculina. E foi visando os lucros, os rendimentos, que o empresariado espanhol não só reconheceu como também fomentou o trabalho das mulheres, especialmente nas indústrias. Vejamos a crítica empreendida por Tartilán a esse <<fin egoísta>>:

[...] la innovación de introducir brazos femeninos en los talleres no ha obedecido á un fin humanitario, cual debía ser el de proporcionar á la mujer los medios de procurarse la subsistencia de un modo decoroso, sino al fin egoísta, de obtener resultados ventajosamente productivos para los dueños de las fábricas y talleres, que han visto el modo de tener el mismo producto de trabajo con menos desembolso, de aquí que, lejos de remediar el mal, éste haya crecido y crezca cada día. (Ibidem, p.409)

Em “El trabajo”, a articulista não hesitou em criticar as precárias condições do trabalho feminino e a exploração da mão de obra da mulher no país, devido à remuneração inferior recebida por elas, o que as impedia de viver com dignidade. Sofía Tartilán fez questão de apresentar aos leitores de *La Ilustración de la Mujer* a injustiça cometida pelos gananciosos empresários espanhóis que tratavam de forma desigual o trabalho desempenhado pelas operárias, “llevado a cabo con la misma perfección que

lo hacían antes los hombres en aquellas manufacturas” (Ibidem, p.409-410). A crítica recaiu diretamente sobre eles que, por alimentarem essa disparidade, acabaram contribuindo para a miséria desoladora dessas mulheres– muitas delas mães que, em razão do trabalho, eram obrigadas a abrir mão da educação dos filhos– que passavam longas horas de permanência nas fábricas e eram remuneradas com um salário precário, insuficiente para saldar as despesas mais básicas da casa, como a alimentação.

Diante dos fatos, Tartilán mostrou-nos que não foi possível vislumbrar vantagens e benefícios imediatos para as mulheres operárias com a entrada delas no mercado de trabalho, tais como os que foram previstos pelas teorias reformistas que predicavam a verdadeira emancipação e valorização do sexo feminino. Por se encontrarem submetidas ao despótico poder dos patrões, elas continuaram escravizadas e sofrendo com a marcante desigualdade de gênero que as impedia de terem os seus direitos devidamente reconhecidos e respeitados. Em contrapartida, a articulista assinalou que “las reformas sólo han aprovechado a los espectadores” (Ibidem, p.410), ou seja, favoreceram expressivamente os empresários que:

[...] prontos á sacar provecho de todo, acogieran las ideas vertidas un día y otro por los reformistas, por las que pedían con la mejor buena fe trabajo para la mujer, para que esta fuese libre y pudiera vivir honrada en su aislamiento ó ayudar á su esposo y á sus hijos, abriendo sus talleres, recibieran en ellos á la mujer; pero con la miserable condición de que su trabajo seria despreciado por más perfecto que fuese. (Ibidem, p.410)

Assim, evidenciou-nos que o trabalho das mulheres estava sendo objeto das mais inadmissíveis e escandalosas explorações. Com o argumento de atuarem movidos por princípios e valores filantrópicos e morais, esse empresariado contratava estrategicamente a mão de obra feminina objetivando não um fim humanitário, mas sim um significativo enriquecimento a partir dos baixos salários pagos a essas trabalhadoras que passaram a atuar massivamente nas indústrias têxtil, alimentícia e outras mais, antes ocupadas pelos homens, tal como podemos observar no fragmento abaixo:

Los hilados, los tejidos, la preparación de conservas alimenticias, la iluminación de países para abanicos, la cestería, el ramo de agujas y alfileres, la fabricación de cajas para fósforos, los fósforos de cartón, el cordaje de navios, la fabricación de redes de pescar, la limpia del azúcar y el cacao y otras muchas industrias que en este momento no

recordamos, las ejercían antes los hombres, y por más que no fuera con grandes jornales, eran sin embargo más que el doble de lo que hoy se da á las mujeres por el mismo trabajo y por igual número de horas empleadas en él: estando además probado que no sólo lo ejecutan con igual perfección, sino con mejor en algunos casos [...]. (Ibidem, p.410-411)

Nele, vemos uma importante prova da desigualdade de gênero comentada pela escritora. Os homens, por iguais ofícios e horas trabalhadas, ganhavam simplesmente o dobro do era recebido pelas mulheres operárias, aspecto injustificável para diretora da revista *La Ilustración de la Mujer*. Tartilán afirmou que as trabalhadoras desempenhavam os seus serviços e atividades com o mesmo preciosismo e empenho que os companheiros, e, em alguns casos, até melhor que eles, “por ser la índole de ciertas faenas más á propósito para las condiciones de minuciosidad que forman parte del carácter femenino” (Ibidem, p.411), argumento que combate essa discrepante e injusta distinção feita pela elite empresarial espanhola e pelas instituições de poder que, em função de uma série de interesses econômicos e políticos, consentiam com essa prática discriminatória no mercado de trabalho.

A autora– inconformada com a escravidão e a miséria forçosamente experimentadas por muitas operárias espanholas– proclamou-se nitidamente contra aos abusos cometidos por essa elite empresarial espanhola, e passou a reivindicar uma nova atitude por parte desses empresários que inescrupulosamente constituíam incalculáveis fortunas com “el sudor de esas infelices, que no son inferiores en nada a sus bellas esposas y a sus delicadas hijas” (Ibidem, p.411).

Outra importante colaboradora de *La Ilustración de la Mujer* foi Matilde Cherner, autora da série intitulada *Las mujeres pintadas por sí mismas, Cartas a Sofía*. Nela, a escritora analisou a importância da instrução feminina, os diversos tipos de ciências e as ciências intuitiva e adquirida, objetivando defender a capacidade intelectual da mulher espanhola e o seu direito a desenvolvê-la tanto para fins acadêmicos, em especial literários, como profissionais. E foi, sobretudo, na quinta carta, publicada na edição de 31 de maio de 1875, que o tema da educação aparece com grande ênfase, a começar pela diferenciação que a autora fez entre “educación” e “instrucción”. Segundo Matilde Cherner:

[...] usan siempre la palabra educación y nunca la de instrucción ó ilustración, siendo así que, según nuestros diccionarios castellanos, *educación* no significa ciencia ni sabiduría, sino únicamente el

conocimiento de las buenas reglas de sociedad, y este conocimiento lo poseen y lo han poseído siempre *á priori* las mujeres; diremos más: es innato en ellas, y ellas las que en este terreno dieron siempre lecciones a los hombres. (*La Ilustración de la Mujer*, 31 de maio de 1875, p.412)

Cherner transformou-se em uma das mais importantes combatentes da alienação feminina, procedente principalmente de um modelo de educação associado ao conhecimento das boas regras na sociedade que infantilizava a mulher condenando-a a uma vida penosa e sem novas oportunidades. Na quinta carta, a autora realiza uma severa crítica à sociedade espanhola da época e ao interesse superficial daqueles que clamavam por essa “educação”, ao invés de reivindicarem o direito de a mulher ter acesso à instrução, em outras palavras, a novos saberes, conhecimentos. Inúmeros foram os artigos em que a escritora fez questão de afirmar que a capacidade intelectual independe de sexo, argumento que justificava a necessidade de se promover um urgente reconhecimento da mulher, dando-lhe o direito de ampliar seus conhecimentos na universidade ou de exercer um ofício, “sobre todo en el ámbito científico y en el literario” (RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, 2008).

É inquestionável a importância dos artigos de Sofía Tartilán e os de Matilde Cherner, e a profundidade deles requer de nós um espaço mais extenso do que dispomos nessa ocasião. Textos como esses contribuíram para refletir as estruturas sociais vigentes, uma vez que há neles uma explícita apresentação da invisibilidade feminina, agravada especialmente pela baixa escolarização da mulher e pela falta de oportunidades no mercado de trabalho, o que dificultava a emancipação e, por fim, o surgimento de novos papéis sociais da mulher. E foi justamente contra essa condição que as autoras levantaram suas vozes, e se nós, mulheres, dispomos hoje de uma nova posição dentro da sociedade do século XXI, que nos coloca em posição de igualdade legal, profissional e educativa com os homens, esta deve ser atribuída, sem dúvida, a escritoras como Sofía Tartilán e Matilde Cherner que tomaram a palavra para si na defesa da igualdade de gênero e de oportunidades no mercado de trabalho e na educação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *La dominación masculina y otros ensayos*. Buenos Aires: La Página S.A., 2010.

CHERNER, Matilde. Las mujeres pintadas por sí mismas, Carta a Sofía, de la educación de las mujeres, carta quinta. **La ilustración de la mujer**, Madrid, n.52, ano III, p.412-414, maio.1875.

CANTERLA, Cinta. “Mujer y derechos humanos: universalismo y violencia simbólica de género”. In: *Discursos, realidades, utopías. La construcción del sujeto femenino en los siglos XIX y XX*. Barcelona: Anthropos, 2002.

LEGROS, Patrick *et al.* *Sociologia do imaginário*/Frédric Monneyron, Jean-Bruno Reanrd, Patrick Legros e Patrick Tacussel. Porto alegre: Sulina, 2007.

MAFFESOLI, Michel. “O imaginário é uma realidade”. Revista Famecos. Porto Alegre, n.15, agosto 2001.

-----.. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998.

NASH, Mary. *Mujer, Familia y Trabajo en España (1875-1836)*. Barcelona: Anthropos, 1983.

RODRÍGUEZ SÁNCHEZ, M^a de los Ángeles (2008). Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2008. Disponível em: <www.cervantesvirtual.com/obra/matilde-cherner-y-la-ilustracin-de-la-mujer-0/>. Acesso em 15 fev. 2014.

SILVA, Gislene. “Imaginário coletivo: estudos do sensível na teoria do jornalismo”. Revista Famecos. Porto Alegre. v.17, n. 3, p. 244-252. Setembro/dezembro, 2010.

TARTILÁN, Sofía. El Trabajo. **La ilustración de la mujer**, Madrid, n.52, ano III, p.409-411, maio.1875.